



diretora da Instituição Teresiana

Los Negrales, 21 julho 2018

Assembleia de todas as Associações da Instituição Teresiana

Discurso de abertura. Diretora Geral

1. Convocados pela Fé no Deus da vida

Dou-vos as boas vindas a cada um e a cada uma, membros da associação primária e das associações ACIT da Instituição Teresiana representadas nesta assembleia.

Encontramo-nos, pessoas de culturas, de línguas, de idades, de profissões e de experiências familiares diversas, convocadas pela vocação que compartilhamos.

Quando Jesus chamou os seus discípulos, eles sentiram que algo tinha mudado nas suas vidas.

Sentiam-se renascer, sentiam-se entendidos, compreendidos, amados. E isto fazia-os ir anunciar a outros, “vinde e vereis”. As suas vidas mudaram para sempre. E ao mesmo tempo continuavam a fazer a vida normal do seu tempo, como homens do seu tempo: tinham fome e comiam, tinham sede e bebiam, estavam cansados e descansavam, iam ao templo e rezavam, visitavam os amigos, os doentes, os pobres ... (Edward Schillebeeckx († 2009), narrava assim esta experiência).

A nós também nos mudou a vida e essa experiência é que nos convoca hoje aqui. Porque em nós esta chamada tornou-se vocação, estilo de vida, comunidade, compromisso.

Somos uma “comunidade convocada por Jesus e guiada pelo Espírito que escuta a chamada para proclamar a todos e a todas a alegria do Evangelho, ao estilo de Pedro Poveda”, como dissemos na Carta de Convocatória para esta assembleia.

Hoje podemos dizer pessoalmente e como Instituição Teresiana representada por todos quantos estais aqui: a fé salvou-nos, convocou-nos, pôs-nos em caminho e reuniu-nos. Certamente que ao acabar o Encontro ouviremos as palavras do evangelista: “*A fé salvou-vos, ide em paz*” (Mc.5, 34).

E como a fé se fortalece acreditando, como dizia Santo Agostinho, **a Assembleia vai ser um ato de fé**, uma experiência de fé, uma celebração da fé.

Pela fé, Maria acolheu a palavra do Anjo e acreditou no anúncio de que seria a Mãe de Deus na obediência da sua entrega (cf. *Lc 1, 38*).

Pela fé, os Apóstolos foram pelo mundo inteiro e, sem temor algum, anunciaram a todos a alegria da ressurreição.

Pela fé, os discípulos formaram a primeira comunidade reunida em redor do ensinamento dos Apóstolos, da oração e da fração do pão, pondo em comum os seus bens.

Pela fé, os mártires e entre eles Pedro Poveda, entregaram a sua vida como testemunhas do Evangelho.

Pela fé, homens e mulheres de toda as idades, línguas e culturas, confessaram ao longo dos séculos a beleza de seguir Jesus na família, na profissão, na vida pública e no desempenho dos carismas e ministérios que lhes eram confiados.

Pela fé, também nós estamos hoje aqui: reconhecendo a presença do Senhor Jesus, nas nossas vidas e na história da família teresiana - a fé de Pedro Poveda, de Josefa Segovia, de tantas gerações de homens e mulheres que nos precederam e se sentiram chamados a encarnar o carisma inspirado a São Pedro Poveda.

Na atualidade podemos sentir dificuldade em discernir os sinais do ressuscitado no nosso mundo; enganar-nos-emos se nos preocuparmos com estatísticas, e resultados, a fé não é um conceito mensurável, como também não o é a vocação a que fomos chamados. São experiências de relação e de confiança.

Apoiemo-nos na intuição de Pedro Poveda que, em 1929, dizia:

Tenho o convencimento de que tudo é Obra de Deus, (...), e por Deus se fez e se faz tudo, (...), daqui a fé com que enfrentam as suas empresas, a paz com que atuam, a segurança com que esperam fruto do seu trabalho; porque toda a força, toda a segurança e toda a esperança é de Deus, por Deus e para Deus (PP. Creí por eso hablé, [297])

As suas palavras programáticas de há praticamente um século também o são hoje para nós:

Vós pois, empregando todo o cuidado, juntai à vossa fé virtude, à virtude ciência e à ciência temperança e à temperança paciência e à paciência piedade (2 Pe 1, 5-6)

Primeiro a fé, continua a dizer Pedro Poveda, e com ela a virtude, a ciência. Porque o segredo da santidade dos primeiros cristãos não se há de encontrar na diferença dos tempos, (...), mas na fé viva que gerava a caridade e dava os seus naturais frutos que são as virtudes (Pedro Poveda, Creí, por eso hablé, [111])

1.2. Uma fé credível

Com frequência constatamos, entre os nossos contemporâneos, dificuldade para acreditar. E outras percebemos que o mundo em que vivemos se opõe a Deus, ao seu mistério e à sua misericórdia.

Nas nossas sociedades atingidas pela secularização, ninguém é capaz de medir a influência do Evangelho, a influência de um contacto pessoal com uma testemunha do Ressuscitado, um gesto, uma palavra, quando de uma ou outra forma o coração de uma pessoa é tocado.

Muitos afastaram Deus da sua vida; vivem como se Deus não existisse. Trata-se de uma visão social cada vez mais generalizada, sobretudo no ocidente, onde o modo de entender a vida, os critérios e a convivência, indicam uma rutura entre o Evangelho e a cultura.

Este fenómeno afeta também os crentes e o enfraquecimento da fé, debilita a missão. Necessitamos, por isso, de voltar a fundamentar o nosso crer e esperar; afiançar a nossa existência no encontro pessoal com o Deus da vida, que dá resposta às interrogações, anseios e desejos mais profundos e vitais.

No mais fundo da pessoa humana está o desejo de uma presença, o desejo de uma comunhão profunda. Este desejo de Deus é o princípio da fé. Muita gente à nossa volta, pergunta-se: mas que é a fé? A fé é uma confiança em Deus, um grito de confiança, que renovamos cada dia, dizia o Irmão Roger de Taizé.

Creemos com a inteligência, com a vontade e com a afetividade. Porque por trás da fé há desejo, procura, decisão e compromisso. *“Saboreai e vede como o Senhor é bom”* (Salmo 34,9)

Creemos não num conjunto de verdades, de doutrinas ou de ideias; a nossa fé é a adesão e o seguimento de uma pessoa: Jesus, em quem cremos e em quem pusemos toda a nossa confiança.

Esta relação alimenta-se da escuta da sua palavra, da oração e da missão para colaborar na construção do seu Reino de justiça e amor. Traduz-se em viver para ser *“sal da terra”* e *“luz do mundo”* (cf. Mt 5,13-16).

Se verdadeiramente acreditamos que o cristianismo é uma forma de humanização, de orientação de sentido da vida, a nossa fé será credível para os outros, tal como o amor e a esperança.

Se formos capazes de dar razão da nossa esperança; se recusarmos toda atitude de crispação, de encerramento, de medo ou de negação de um futuro possível; se verdadeiramente formos testemunhas da esperança que nos habita, a nossa fé será credível e fecunda.

A tarefa e a vocação dos cristãos na crise atual consiste sobretudo em manter viva uma visão comum, uma fé e uma esperança. (Martin Maier, secretario del JESC, Jesuit European Social Centre)

No Documento de trabalho para esta assembleia expressámo-lo com estas palavras:

É urgente para nós expormo-nos diante de Deus e consentir que Ele nos questione e nos leve a passar fronteiras, a transcender-nos, a dizer que sim de novo ao seu Projeto de Reino, alegres e confiados em que somos “meros instrumentos dos quais Deus nosso Senhor se vale para que o conheçam e o amem”. (Doc trabalho A.T.A. Sai da tua terra, 2018)

Por isso gosto, ao iniciar este encontro internacional, de dar graças a Deus pela vida de cada um de vós e fazê-lo com as palavras de Paulo aos Tessalonicenses:

“Damos graças a Deus recordando a vossa fé ativa, o vosso amor solícito e a vossa esperança perseverante “ (1 Tes 1,3)

Sejamos testemunhas nestes dias desta ação de graças de Paulo e levemo-la depois para os nossos lugares de origem, para as nossas tarefas quotidianas.

“Não permitamos que nos roubem a esperança”, dizia o papa Francisco na sua exortação *“A alegria do Evangelho”*.

2. “Com a cabeça e o coração no momento presente”. Uma fé Encarnada

Partilhamos uma espiritualidade de encarnação que nos leva, como a São Pedro Poveda, a viver *“com a cabeça e o coração no momento presente”*. Ou como o tinha expressado o Concílio Vaticano II: *“As alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e dos que sofrem, são ao mesmo tempo alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo. Nada há verdadeiramente humano que não encontre eco no seu coração...”* (*Gaudium et spes*, 1).

Quero oferecer-vos alguns traços para viver uma fé encarnada no mundo de hoje que me parecem fundamentais para orientar o novo sexénio:

2.1. Uma fé inquieta e esperançada

2.2. Viver a diversidade, como fonte de criatividade

2.3. Caminhar em comunhão: sinal profético.

2.4. O Kairós do carácter sinodal: corresponsabilidade, articulação de dons e carismas.

2.5. Acolher a chamada à santidade, como plenitude da fé.

2.1. Uma fé inquieta e esperançada

Na raiz da nossa espiritualidade há uma herança de procura e inquietação de risco e abertura às surpresas de Deus na vida e na história, e ao mesmo tempo de confiança e esperança. As experiências de Santa Teresa, de Pedro Poveda, de Josefa Segovia e de tantas pessoas revelam-no-lo.

A experiência espiritual que compartilhamos necessita da inquietação interior, de se interrogar e viver despertos procurando o sentido da vida.

Fizeste-nos, Senhor para ti e o nosso coração está inquieto até que descanse em Ti, dizia Santo Agostinho

A nossa alma permanece inquieta ao deixar-se surpreender, ao estar disponível, ao abrir caminhos e horizontes novos. É o oposto a viver na fortaleza das certezas e das seguranças. Esta inquietação a que Fernando Pessoa chama "*a impaciência da alma*" na sua obra "O Livro do Desassossego" leva-nos a viver a fé como uma maneira de encarnar hoje a esperança. "*Contamos com a esperança, que é como uma âncora firme e segura*" (Heb. 6,10-20)

No evangelho de Mateus (Mt. 26,41). Jesus convida-nos a mantermo-nos vigilantes, despertos, atentos à vida que cresce, que se expressa nas procuras e nos gritos da humanidade. Poderíamos dizer que a inquietação é a impaciência da alma que vela e que espera. Nisso verão que somos os discípulos do ressuscitado.

Na Anunciação, Maria recebe o anúncio do inesperado, do surpreendente, do inimaginável juntamente com uma palavra de confiança: *Não temas*. Palavra que abre, à confiança, à loucura de um amor que nunca lhe defraudará.

A inquietação de que falamos é de que o mundo de hoje necessita é assim, surpreendente e criadora de vida. Torna-nos capazes de renunciar a uma vida de certezas e seguranças porque pomos a nossa confiança em Jesus, nossa esperança. Na sua maneira de viver tal como no-lo relatam os evangelhos observamos que caminha com as pessoas e se encontra com ela.

Jesus caminha, anda, desloca-se continuamente, procurando as pessoas, sobe à montanha e desce ao vale, retira-se para orar e volta ao tumulto da vida, raramente toma o mesmo caminho, não evita nem desertos nem lagos, não duvida pedir hospitalidade, porque "o filho do homem não tem onde repousar a cabeça". Poderíamos dizer que a sua inquietação, é o dinamismo da procura para o encontro e a relação com as pessoas. Em Santa Teresa reconhecemos esta atitude andarilha e de saída.

Jesus vai ao encontro, procura as pessoas, deixa-se encontrar. Não há nada mais despertador da consciência do que um encontro com alguém que te mostre um caminho, que te fale de sentido, que te desperte e te envie com o amor e a confiança.

Não ficamos iguais quando experimentamos um verdadeiro encontro de amizade, de família, de comunidade; com pessoas que conhecemos na paróquia ou no trabalho; ou com aquelas de quem nos aproximamos na rua. Quantas vezes sentir o outro, a sua alteridade é experiência de cura, de alento, de envio. Jesus no evangelho convida-nos continuamente a voltar a começar, a arriscar uma palavra, um silêncio, um perdão, um abraço, em suma um encontro.

No âmbito desta Assembleia podemos perguntarmo-nos: caminhamos suficientemente com os jovens, com outras famílias para além das nossas, com o que é diferente... ou simplesmente os observamos? Vamos ao seu encontro, ou esperamos que eles venham? Compartilhamos as suas vidas, as suas alegrias e as suas penas, ou deixamo-nos imobilizar pelas nossas próprias seguranças? Escutamos o grito dos pobres e o grito da terra, orientando as nossas decisões de acordo com a solidariedade e o cuidado da casa comum?...

Os nossos jovens e muitos outros, as nossas famílias e outras que ainda não conhecemos; as pessoas com quem caminhamos esperam encontrar em nós companheiros de caminho, que assim indicam caminhos de futuro e que nas suas ações mostram redes de humanização para o mundo que partilhamos.

Hoje estamos aqui para nos contagiarmos com uma fé inquieta que nos mobilize, nos faça sair das certezas e seguranças e nos leve a discernir os caminhos que o Espírito nos suscitar.

Teresa de Jesus convida-nos quando diz: *Pobre alma a que até em desejos se contenta com pouco*, porque a fé assim vivida nasce um desejo profundo que mobiliza toda a nossa vida e que só encontra descanso em Deus.

Ajudemo-nos a sentirmo-nos inquietos, em procura, a sair de nós mesmos para olhar a realidade do mundo que Deus nos confiou.

2.2. Viver a diversidade, como fonte de criatividade

A diversidade hoje é o novo Pentecostes. É entrar numa dinâmica que nos recorda continuamente que o cristianismo é plural, como o é a chamada a encarnar hoje o carisma de Poveda.

Devemos aprender de novo o valor da diversidade, não só teórica, mas praticamente. Portanto, devemos abandonar o sonho, se ainda ansiamos por ele, talvez o sonho mau, da uniformidade. O desejo de que tudo seja igual para todos, de medir todos pela mesma rasa, de querer impor um modelo, uma maneira, uma forma de entender o mundo, a vida e também a fé ou a vocação.

A fé, tal como a vocação, é um caminho de diversidade, de pluralidade nas expressões, nas formas de riqueza partilhada. É um caminho que devemos percorrer em comunhão, como fez Jesus, que se sentou à mesa dos pecadores e malfeitores e dos seus discípulos; dos ricos, dos pobres, dos idosos e das crianças. Que se compadeceu com os enfermos e desterrados, defendeu as mulheres julgadas pela sua condição e levou a lei até aos seus limites, *o sábado não é para o homem, mas o homem para o sábado* (Mc 2,27).

Caminhar hoje com as pessoas, ser companheiros de caminho, é caminhar com a diversidade, é caminhar em diversidade, é procurá-la e desejá-la, é fomentá-la e acompanhá-la. Paulo incita-nos: *“Não apagueis a ação do Espírito; não desprezeis as profecias; examinai tudo e ficai com o que é bom. Acautelai-vos do mal em todas as suas formas”* (I Tes 5, 19-22).

Necessitamos de aprender a discernir o que é de Deus na diversidade presente na vida quotidiana.

Não nos preocupemos com a influência que podemos exercer na sociedade, nem com o resultado da nossa ação, porque a verdadeira influência cristã é levar uma mensagem de humanização e redenção à diversidade que encontramos no dia-a-dia: a espiritualidade cristã é a arte de viver humanamente, de humanizar tudo quanto tocarmos, de ser plenamente humanos sabendo-nos plenamente de Deus, que é quem nos chamou, quem nos ampara, quem nos envia e quem nos salva. Este é o nosso segredo.

Se as pessoas vendo-nos viver e atuar perceberem que a nossa vida tem sabor, tem gosto e sabemos partilhar o nosso segredo, poderão por sua vez, perguntar-se pelo sentido da sua e nessas condições o anúncio de Jesus Cristo, como fonte de plenitude e de sentido, será algo de natural. Será fruto do testemunho, do diálogo, mas nunca por imposição, nem obrigação.

O documento que vamos trabalhar e que é o resultado de uma diversidade de olhares e de presenças da IT, convida-nos na primeira parte a tecer a diversidade, a partir da inclusão, do diálogo e da igualdade.

“Com palavras e linguagens às vezes diferentes, com matizes próprios nascidos das biografias e sensibilidade de cada pessoa, dos contextos, das situações e culturas, não há afirmação mais repetida entre nós do que a necessidade e o anseio de cultivar e fortalecer a experiência da nossa espiritualidade de encarnação em todas as suas vertentes e dimensões, em toda a sua profundidade e consequências, em todas as suas possíveis articulações”. (Documento de Trabalho sai da tua Terra, A.T.A 2018)

Tornar real este sonho compartilhado terá suposto viver a diversidade como fonte de criatividade, no compromisso de caminhar com jovens, com famílias, com tantas pessoas que sofrem nas nossas sociedades em mudança.

2.3. Caminhar em comunhão: sinal profético

A nossa fé é trinitária. O Deus dos cristãos manifesta-se como o Deus único e ao mesmo tempo diverso, um Deus criador e um Deus que liberta, um Deus que salva, um Deus que se encarna.

Acolher, acompanhar e desenvolver a diversidade por que queremos apostar e à qual nos sentimos enviados, pede de nós caminhar em comunhão.

A diversidade faz parte da nossa vida quotidiana, mas comunhão é o resultado de uma decisão, de uma atitude ativa; pede-nos que a desejemos, que a construamos, que a comuniquemos.

Porque não se trata de estar de acordo, de ter a mesma sensibilidade, as mesmas prioridades, trata-se de olhar na mesma direção, de caminhar para os mesmos objetivos, de acordo com “a vocação a que fomos chamados”

Pedro Poveda expressa-o muito claramente quando em 1918 dizia ao marcar o rumo da Instituição Teresiana:

“Mesmo reconhecendo-se que a diversidade de caracteres, cultura, etc., imprimem modalidades especiais que são inevitáveis, não querendo, nem muito menos, anular a personalidade própria, mas antes procurando aperfeiçoar a de cada pessoa, deve existir algo de substancial, idêntico para a formação de todas e esse algo é necessário ser bem definido, para que todos o saibam, o ensinem e o executem. Se não salvamos este algo substancial, a Obra não chegará nunca a ter uma fisionomia própria e definida” (Pedro Poveda, Creí, por eso hablé, [95])

A fé é uma experiência de comunhão de Povo de Deus. De comunidade que caminha em comunhão com uma história comum de alianças tecidas e partilhadas com ternura, misericórdia e perdão.

Para criar comunhão às vezes o essencial não é o que temos, o que temos conseguido, mas antes o que juntos percebemos como inacabado e que queremos construir, é o resultado de uma interdependência que se tece para dar resposta ao que queremos oferecer e que queremos fazer juntos.

Caminhar em comunhão é exercitarmo-nos num amor ativo, que perdoa, que cura, que sara, como nos recordava Paulo falando aos Tessalonicenses: *Damos graças a Deus recordando a vossa fé ativa, o vosso amor solícito e a vossa esperança perseverante* (1 Tes 1,3), ou quando dirigindo-se aos Gálatas, afirma: *Para os que estão em Cristo Jesus, apenas importa a fé que atua pelo amor* (Gal 5,6).

Às vezes podemos sentir-nos vulneráveis, a maior vulnerabilidade que podemos experimentar é a de amar. É o amor que nos torna vulneráveis, que nos aproxima ao mistério do outro, à fragilidade do outro e a minha própria. Ser hoje proféticos não é apenas apostar na diversidade, o verdadeiramente profético é caminhar em comunhão, criar comunhão.

Os tempos de dúvidas e de crises necessitam também de ser vividos em comunhão. Requerem diálogo, verdade a partir da fé e abertura de mente e de coração.

A fé é viva se, querendo olhar sempre em frente, não evita nenhum combate, nem sofrimento, nem crise. Quando compartilhamos dúvidas e momentos de crise juntos, deixamos entrar o outro no meu espaço interior de procura e damos lugar à comunhão.

Um amor em obra e em verdade é um amor que não procura a semelhança ao eu, nem sequer ao nós, mas ao avançar juntos, olhando para diante, de mãos dadas, abrindo as portas das nossas casas, das nossas atividades. E isto é válido para os jovens, para as famílias, para os adultos e para os idosos.

Que espaços, experiências, projetos, atividades, vão expressar a comunhão na diversidade que somos e vivemos? Vamos ser capazes de ampliar as nossas, com itinerários menos lineares do que a maioria de nós, com trajetórias de vida, familiares, profissionais, culturais, religiosas diversas?

Nestes dias em que contemplamos a construção de linhas comuns convidamos-vos a fazê-lo na comunhão trinitária, que é a expressão mais profunda do amor de Deus.

Pedro Poveda em 1916 dizia: *“A Obra necessita de ser forte, de um perfeito equilíbrio. As duas forças, centrípeta e centrífuga, mantêm este equilíbrio e essas forças são a oração e a união e caridade fraterna. Se faltar a primeira ireis dissipar-vos, não preenchereis a vossa tarefa. Se faltar a segunda, não estareis no mundo, não preenchereis a vossa missão.”* (Pedro Poveda, Creí, por eso hablé, [79])

Hoje somos comunhão na diversidade, uma Instituição que acolhe ritmos, cores, línguas, idiomas, projetos diferentes e diversos.

2.4. El Kairós do carácter sinodal: corresponsabilidade e articulação de dons e carismas.

O carácter sinodal é uma das expressões da comunhão. É um rasgo que tem acompanhado a história da Igreja, sobretudo a Igreja do oriente e as comunidades eclesiais. A Igreja latina, após uma longa experiência sinodal durante os primeiros séculos da era cristã, foi-a abandonando. Mas com o Concílio Vaticano II recupera-se como sinal da eclesiologia de comunhão.

Na Instituição Teresiana o carácter sinodal é o modo de expressar a corresponsabilidade e a participação de todos na vida e na missão que recebemos como associação internacional de fiéis e entendemo-la como um Kairós, um tempo de Deus para uma associação que é comunhão na diversidade.

É a experiência que favorece que cada pessoa e cada realidade local encontrem o seu lugar, a sua responsabilidade, o seu contributo único e próprio ao conjunto. E podemos vivê-la em acontecimentos extraordinários como este, mas sobretudo no mais quotidiano, no viver

diário, nas relações, no trabalho, nas atividades culturais, na vida familiar e associada, na celebração da fé, no dar sugestões, no partilhar ideias, no animar as comunidades.

Podemos vivê-la no estilo próprio dos grupos ACIT ou das agrupações da AP, nos encontros por cidade, nas convocatórias a colaboradores, amigos, famílias são expressões de diversidade que queremos aprender a valorizar cada vez mais, para crescer em comunhão.

Para avançar deste modo ajudar-nos-á cultivar a formação numa espiritualidade da comunhão, na prática da escuta, no diálogo e no discernimento comunitário.

A assembleia é uma experiência de carácter sinodal. Devemos ter atenção para não concentrar demasiadas responsabilidades em poucas pessoas, valorizar a contribuição de cada pessoa sobretudo em esferas de competências que nem todos adquirimos; olhar com abertura de coração, sem suspeita nem receio, o que chega de diferente e diverso de outras culturas, de algumas minorias, de gerações mais jovens; acolher aquilo que aparentemente nos pode desinstalar.

E depois da assembleia, certamente que se abrirão desafios que irão pedir novos modos de olhar e um exercício de conversão pessoal e comunitária. Alguns já os podemos vislumbrar:

- A necessidade de um acolhimento local numa dimensão mais internacional, de propostas criativas, diferentes, que apresentem pessoas, grupos, países.
- Facilitar uma verdadeira actualização nos diferentes campos de missão que como carisma queremos oferecer hoje de maneira adequada
- Uma melhor articulação e complementaridade entre projetos e atividades locais.
- Uma melhor articulação entre as realidades locais próximas, por zonas geográficas ou continentais.
- Uma melhor articulação entre o local e o internacional, o setorial e o geral.
- Uma renovada formação para o exercício da responsabilidade, da animação das comunidades.
- Um passo decisivo no diálogo e no encontro com homens e mulheres de diferentes confissões e convicções religiosas para realizar juntos uma cultura do encontro e da paz.

2.5. Acolher a chamada à santidade, como plenitude da fé

A santidade não está reservada a uns poucos. A grande novidade do evangelho é que todos estamos chamados à santidade, a ser santos vivendo a partir do amor as ocupações de cada dia: o trabalho, das relações, a família, a amizade, ... e lá, no lugar onde cada um se encontra.

Na sua última exortação o Papa Francisco diz:

“Gosto de ver a santidade no povo de Deus paciente: nos pais que criam com tanto amor aos seus filhos, nesses homens e mulheres que trabalham para levar o pão para casa, nos doentes, nas religiosas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância para continuar por diante dia- -a-dia, vejo a santidade da Igreja militante. Essa é muitas vezes a santidade «da porta do lado», daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou para usar outra expressão, «a classe média da santidade»”.

E continua: “Não tenhas medo da santidade. Não te roubará forças, vida ou alegria. Complemente ao contrário, porque chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou.”

Convoca-nos a fé, convoca-nos a vocação e o desejo de descobrir, de realizar no dia-a-dia o sonho de Deus para cada um de nós e o sonho de Deus para a Instituição: “A Encarnação bem entendida, a pessoa de Cristo, a sua natureza e a sua vida dão, para quem o entender, a norma segura para chegar a ser santo, com a santidade mais verdadeira, sendo ao mesmo tempo humano, com o humanismo verdade”. (São Pedro Poveda, 1916, Amigos fuertes de Dios: 94)

Nas bem-aventuranças encontramos os rasgos da santidade; são chamadas à felicidade, chamadas à plenitude da fé, do amor e da esperança.

Ser pobre de coração, reagir com ternura, chorar com quem chora, procurar a justiça com fome e sede, guardar o coração puro, semear a paz ao nosso redor, olhar e atuar com misericórdia, desejar que cresça o Reino de Deus, responder com mansidão quando somos perseguidos por Cristo, são rasgos da santidade a que fomos chamados.

E a esta santidade todos fomos chamados, todos, em qualquer situação de vida, de idade, de saúde ou de doença. Por isso um dos sublinhados que o Papa Francisco faz na sua exortação é a audácia, como entusiasmo, e estímulo evangelizador que deixa marca.

Neste encontro da audácia na fé, necessitamos mais do que nunca do impulso do Espírito para não nos acostarmos a caminhar apenas dentro de confins seguros, de limites bem definidos, de experiências já conhecidas. Estes confins seguros têm muitos rostos ou muitas tentações: individualismo, espiritualismo, encerramento em pequenos mundos, dependência, instalação, repetição de esquemas predefinidos, dogmatismo, nostalgia, pessimismo, relativismo, refúgio nas normas.

Deus é sempre novidade, uma novidade que nos incita a sair, a deslocarmo-nos para ir mais além do conhecido e procurar em seu nome as periferias e as fronteiras. O Deus encarnado em Jesus leva-nos aos lugares onde está a humanidade mais ferida e onde os seres humanos, sob a aparência da superficialidade e do conformismo, continuam a procurar a resposta à pergunta pelo sentido da vida.

Deus não tem medo! Não tem medo! Afirma com força o papa Francisco. Ele vai sempre mais além dos nossos esquemas e não teme as periferias. Ele mesmo fez-se periferia. E se nos atrevermos a chegar às periferias, lá o encontraremos. Essa é a espiritualidade de encarnação que queremos viver.

Jesus diz-nos a cada um dos que aqui estamos reunidos: *“Amas-me? Amas-me mais do que estes? Apascenta os meus cordeiros,... Amas-me? Sê o pastor das minhas ovelhas, ... Amas-me? Amas-me mais do que estes? Apascenta as minhas ovelhas.*

E oxalá escutemos no silêncio do nosso coração: *Em verdade, quando eras jovem, tu mesmo te cingias e ias onde querias. Mas quando fores velho, abrirás os braços e outro te atará a cintura e te levará onde não queres.*

É uma maneira de nos dizer que mudar à escuta da vida tem sentido, mesmo que o habitual, o repetitivo possa seduzir-nos e tranquilizar-nos. E que o acostumar-nos diante do que possa ser custoso, faz que não enfrentemos o mal e permitamos que as coisas «sejam o que são», ou o que alguns decidiram que fossem.

Neste encontro deixemos que o Senhor venha despertar-nos, mobilizar-nos, libertar-nos da inércia que nos bloqueia e nos ata ao passado.

Peçamos ao Espírito a capacidade de desafiar o habitual, abramos o coração à inquietação da fé para nos deixarmos desinstalar pelo que acontece à nossa volta e pela Palavra viva e eficaz do Ressuscitado.

Os santos surpreendem-nos sempre, desinstalam-nos, porque as suas vidas nos convidam a sair da mediocridade tranquila e adormecedora. Peçamos ao Senhor que nestes dias sejamos *“santos que surpreendem e desinstalam”*, que interpelem, questionem, mobilizem as melhores energias ao serviço do Reino. E peçamos ao Senhor a graça de não vacilar quando o Espírito nos instar com força a que demos um passo em frente.

Pensastes alguma vez, dizia Josefa Segovia em 1954, no que seria a Instituição se fôssemos autenticamente santos? (...) A parte de Deus está assegurada e é firme. (...) A graça foi abundante, fecunda, contínua. (...) Mas juntamente com a parte de Deus, temos de pôr a nossa. E aqui vem o meu medo e a minha esperança. Medo se não cumprirmos. Esperança, se nos encaminharmos para a santidade com passo decidido e firme.” (Josefa Segovia, *Libro de Cartas, Llamamiento a la santidad, pág.564 y ss*).

Continua Josefa Segovia enumerando alguns aspetos que podem ajudar-nos a avançar para essa meta e recorda: a vida interior, a oração, a entrega sem medida, o esquecimento de si, são meios que podem orientar e acompanhar o nosso desejo de santidade.

E conclui mais adiante com umas palavras que hoje podemos fazer nossas partindo da oportunidade de estar em Assembleia: *Estamos num momento decisivo para a história da nossa Obra e é necessário aproveitá-lo. (...) O momento é crucial. Ou nos lançamos à vida de perfeição ou condenamos a Instituição a uma vida medíocre, vulgar e pouco brilhante.*

Dizíamos ao iniciar estas palavras, que a fé nos convoca, a chamada de Deus convoca-nos. Pois bem, ao concluir estas palavras de abertura, gosto de terminar com este convite: a santidade convoca-nos, a santidade como plenitude da vida a que fomos chamados, como horizonte de realização de cada um de nós e da Instituição como comunidade de fé e de esperança.

Está aberta a Assembleia de Todas as Associações a. e. 2018 e os convido a viver com audácia e lucidez, **a Assembleia da fé e do envio para viver em esperança.**

Maite Uribe
Diretora Geral